

**Anotações da Escola de comunidade com Julián Carrón
Milão, 19 de junho de 2013**

Texto de referência: J. Carrón, “Primeira meditação”, em “Quem nos separará do amor de Cristo?”, suplemento Passos, Junho 2013, pp. 14-39.

- *Fica mal com Deus*
- *Il viaggio*

Glória

Carrón: Aquilo que acabamos de cantar é o que todos desejamos: que “aquele mundo distante” que todos desejamos, “seja sempre mais verdadeiro”, isso é, mais real, que determine o viver. É a urgência mais forte que todos sentimos, como se vê nas perguntas que chegam: “Obrigado pelo trabalho que você está nos levando a fazer. Depois de uma vida no Movimento (tenho 58 anos e tinha 16 quando comecei este caminho), me encontro dando os primeiros passos como uma criança que aprende a andar. Preciso que me ajude com o que vou ler da página 17 dos Exercícios: ‘Quanto ganho seria para o nosso viver, para olhar a nós mesmos, se nós nos comportássemos como Dom Giussani, procurando nos identificar com Cristo para que também a nossa vida seja plena daquele olhar, daquele olhar que Cristo dirigiu a Zaqueu!’. Você explicou isso na assembleia de domingo, mas ainda pode nos ajudar? Para mim aconteceu que sem este olhar eu não consigo prosseguir, mas basta que aconteça aquilo que eu não esperava (quase sempre) e imediatamente a certeza sobre Ele se desmorona”. Entendem que quando Dom Giussani nos chama a atenção para a personalização da fé e quando o Papa insiste no propor um Ano da fé é justamente para isso? De fato, se esta fé, se este reconhecimento de Cristo, se esta certeza, não é suficientemente consistente – como se vê imediatamente na confusão do adulto diante dos problemas da vida –, tudo se desmorona. Diz uma outra carta: “Comecei a trabalhar sobre a Introdução dos Exercícios da Fraternidade. Os últimos tempos foram particularmente difíceis, sem nenhum motivo especial, mas porque, independente do que eu fizesse, era como se eu nunca estivesse presente. Tudo passou a ter o sabor da rotina, o fazer por dever; a protagonista já não era eu, mas um substituto. Não é o viver dramático ‘que corta as pernas’ como nos conta Pavese, mas é um cansar-se nas coisas da vida, é um mal-estar que não só me faz estar mal comigo mesma, mas deixa nebuloso todo o resto, triplica a dificuldade de estar em casa, insinua-se nas relações com os meus amigos e me faz duvidar até do bem que quero ao meu namorado. E num momento de extremo cansaço fui me confrontar com um amigo, que me disse que estes momentos escuros são aqueles em que Deus me põe à prova, me faz procurar, porque a realidade quase nunca satisfaz a nossa expectativa, há um desígnio maior para cada um de nós. Mas mesmo estas palavras só me deram um alívio momentâneo. Há sempre um ‘mas’ que domina. E a pergunta que nos faz na Introdução foi uma tapa no rosto: ‘Onde está o nosso primeiro amor?’. Para mim não basta dizer que as circunstâncias, quaisquer que elas sejam, são feitas para mim, não consigo fazer disso um caminho maduro, porque me sufoco lá dentro, e a consciência de ter tudo e que nada me basta não me faz respirar, é uma procura ansiosa que me conduz sempre a um beco sem saída. Eu estou certa do acontecimento de Cristo na minha vida, basta olhar os rostos que foram postos ao meu lado, mas quando tudo parece desaparecer [quando não acontece aquilo que eu esperava, dizia a carta anterior], quando tudo diz o oposto, posso me contentar com um esforço mental que me faz colar o nome de Cristo sobre aquilo que me acontece (‘Já sei mesmo que está presente’) apesar da confusão reinante?”. É por isso que repito quase todas as vezes a frase de Dom Giussani: se a fé não é “uma experiência presente, e confirmada por esta” onde eu encontro a confirmação na experiência da conveniência humana da fé, não poderá resistir num mundo em que tudo diz o contrário, tudo diz o oposto (*Educar é um risco*, Edusc 2004, pág. 16). E então o que acontece? Não é que falte a afirmação de Cristo; está convicta disso – diz –, mas se não ocorre como acontecimento, se não reacontece no presente como acontecimento, encontra-se ansiosamente à procura de alguma coisa, fazendo quase um esforço mental para colar Cristo. O nome de Cristo já

está vazio, mesmo com todas as palavras sacrossantas cristãs, e já não se vê mais o Acontecimento. Por isso, não nos basta repetir fórmulas que todos sabemos (“o acontecimento cristão”, “Cristo”) com um esforço, porque diante do real nada disso basta! E então o que isso implica? O desejo de entender do que estamos falando. Porque quando nós repetimos a frase: “Onde está o nosso primeiro amor?”, a ouvimos logo como uma forte bofetada, como uma repreensão, como se o problema fosse que não estamos à altura (como dizíamos na vez passada); pelo contrário é um apelo à memória de Cristo, ao fato consolador que Ele está presente, como indica Giussani falando do parálítico, como está na página 20 dos Exercícios: sabemos que o Acontecimento está ocorrendo porque investe a vida, porque “a sua relação com Deus [dizia do parálítico depois que tinha sido curado], o modo como naquela noite rezou, o modo como depois foi ao templo todos os dias, o sentimento que tinha da vida quando via o sol se pôr [não só no momento “piedoso”] ou o sol nascer, e quando então ia trabalhar todas as manhãs com o espírito cheio de gratidão e com a alma plena de misterioso temor, de temor e tremor para com este mistério de Deus que tinha chegado até ele [...]; enfim, o sentimento por Jesus [nada a ver com o esforço para dizer o Seu nome] [...], o modo como ia com os outros [...], o modo como pensava no seu passado [em todas as baixezas que tinha feito] [...], eram todas ações que partiam de uma consciência de si, de um senso da sua pessoa, cuja fisionomia era plasmada, [...] de como Jesus o havia investido, de como Jesus o havia tratado, de como ele tinha conhecido Jesus” de como Jesus estava acontecendo nele. Se isso não acontece no presente, e nós não procuramos reconhecê-lo, o cristianismo permanece como algo que não existe mais. E o que se torna tudo novamente? Um esforço para dizer um nome vazio, com as palavras cristãs. Pelo contrário, as mesmas circunstâncias podem viver determinadas por isso. Ouçam estes dois exemplos. “Como você sabe, aproximadamente um mês depois da minha chegada em Nova York, adoeci gravemente. Durante mais de um mês fiquei impossibilitado de me mexer por causa das fortíssimas vertigens que tinha. Pela minha maneira de ser, sobretudo os primeiros tempos foram muito duros por ter que ficar de cama em Nova York com mil coisas que devia e queria fazer e isso foi uma grande provação para mim. Perguntava-me: por que agora? Mas por que justo aqui? E começou uma batalha em diversas frentes. Mas a frente mais difícil era a última, aquela em que Deus me pedia para entrar. Durante algum tempo apenas resisti, apertando os dentes, esperava que a doença passasse e pronto. Depois, aos poucos, alguma coisa começou a mudar, e o meu coração de pedra começou a se abrir. A companhia incansável da minha namorada, de alguns amigos, da família, através dos Exercícios, começaram lentamente a marcar a minha conversão; lentamente. No dia 15 de maio foi o primeiro dia que saí de casa. Há muito tempo que isso não acontecia. Fui ao parque em frente à minha casa e, procurando suportar as tonturas, comecei a dar os primeiros passos: que espetáculo! Nunca teria dito que me dar conta que poder andar pudesse provocar uma alegria semelhante. Naquela tarde, olhando ao redor, fiz memória do amor que Deus tem por mim. Toda a minha vida diz com clareza que o meu Senhor me conhece muito melhor do que eu mesmo. Isso eu não podia negar. Seria cancelar a minha história. Podia negar tudo, mas isso não. E disse para mim: quem sabe, talvez, se o Senhor me dá esta doença – justamente a mim, justamente agora, justamente aqui – é porque é um presente [a categoria da possibilidade: ‘Talvez seja um presente’]. E aquele ‘justamente a mim’ me fez explodir de alegria”. Segundo exemplo. Escreve um presidiário a um nosso amigo: “Recebi com grande alegria a sua carta. Não se preocupe com os atrasos. É mesmo verdade que nunca é um raciocínio que te muda, mas é um encontro. A nossa companhia existe justamente para isso: para nos recordar o encontro feito, porque é uma companhia ao destino. Neste período fizemos um bom trabalho sobre os Exercícios dos universitários, e, graças ao empenho e à comparação com o coração e consigo mesmo, veio à tona várias coisas. Tive dias muito alegres e um dia, retornando ao presídio, disse a um amigo: ‘Deus me ama. Tenho a certeza disso’. Ele me olhou um pouco espantado porque me conhece bem e sabe toda a minha história e a dificuldade de cada dia, mas não podia deixar de reconhecer aquilo que ele também está vivendo comigo: o amor gratuito. Sim, querido irmão, assim escancarado diante de tudo e de todos, eu consigo não reduzir aquilo que encontrei, mas abraço os meus dias por aquilo que são, e te asseguro que me estão dando verdadeiramente tanto [como há dois mil anos atrás: o Acontecimento investe o hoje na prisão, não no Havaí!]. Tive ocasião de encontrar pessoas

inesperadas e compartilhar com elas o meu caminho e lhes transmitir um pouco da minha fé. Verdadeiramente a gratuidade é amor até a si mesmo, é a virgindade de um relacionamento verdadeiro. Sim, você dirá: ‘Como é que é possível não se mover pela conveniência, sobretudo aí onde você se encontra?’. Diante da beleza muda o método, mas depois o meu coração, o meu detector, me assinala sempre o erro, e sou livre de me dar conta e voltar ao método justo. Deus nos deu o detector e a nossa liberdade, que é sempre livre até ao fim, qualquer que seja a condição em que vivemos, livre, livre, e isso é belíssimo, um dom de Deus, como se no ato da criação Ele mesmo nos tivesse dado esta coisa que nem sequer Ele pode tocar: a nossa liberdade. Então o nosso viver durante o tempo da liberdade, o nosso tempo que nos é dado para compreender e para amadurecer, o tempo de Deus é a caridade de Cristo. E este meu existir tem um retorno muito particular: me dá a sensação de estar no lugar certo no momento certo. É uma sensação belíssima que te faz agarrar o instante, instante por instante, o resto torna-se tudo consequência. Nunca experimentou tudo isso? Para mim é um trabalho, porque estou circundado por pessoas que não vivem a realidade, mas reduzem sempre, criticam e estão continuamente projetadas ou ao passado pisado e repisado ou num futuro hipotético que se desmorona ao primeiro sopro de vento. Realmente, ‘os Meus caminhos não são os seus caminhos’”. O sinal de que o Acontecimento está acontecendo em nós é a modalidade com que podemos viver o instante, e o fato de que uma pessoa se projete num passado ou num futuro hipotético é o sinal de que não há qualquer coisa no presente mais interessante do que qualquer imaginação do passado ou do futuro. Esta é a natureza de um acontecimento: que não depende. Li estas duas cartas para mostrar que não têm a ver as circunstâncias em que nos encontramos, mas só tem a ver aquilo que está acontecendo no instante dentro das circunstâncias.

Colocação: *Começamos há alguns dias a exposição idealizada por John Waters sobre a experiência de ouvir música de rock. Envolveram-se os jovens e alguns adultos (da minha idade também). Participei nas primeiras fases de lançamento desta iniciativa e posso me considerar um dos "autores". Mas é impressionante a maneira como, a cada instante, desde a apresentação dos meses passados até à exposição destes dias, tenha sido e ainda seja evidente um acontecimento do qual não sou, certamente, autor. Através daqueles painéis passa a novidade de um olhar novo sobre os cantores de rock; foi esta novidade que, de alguma maneira, tocou cada um de nós. Fiquei impressionado com os jovens (quase nenhum era do movimento e até são bastante afastados do clichê dos jovens "religiosos") que, sendo guias da exposição e contando a história destes cantores, reconhecem que aqueles exemplos de necessidade, desejo, grito, não são estúpidos e, aliás, merecem um empenho quase totalizante: passavam todo o tempo que podiam na exposição, mesmo fora dos horários de funcionamento. Alguns deles decidiram até organizar um cantinho ao vivo, com músicas escritas por eles; o conteúdo e as sonoridades das músicas deles se explicam exatamente no seguimento das experiências de humanidade contadas na exposição. Também me impressionou a novidade de olhar dos adultos (incluindo o meu), capazes de olhar por todos, tomar conta dos detalhes, de se envolver a fazer isso com adolescentes que nem conheciam, de valorizar momentos de experiência que consideravam úteis até para o trabalho do dia a dia, porque a maioria destes adultos são professores. Então, eu via nestes adultos, que são os meus velhos amigos, um olhar, uma novidade que nunca tinha notado. No fundo, me encontro como espectador de liberdades provocadas, tocadas, incluindo as dos visitantes que nos agradecem e brigam com a gente por não termos feito publicidade suficiente à iniciativa. Isso é um espetáculo e eu não o quero perder, nem sequer em nome de preocupações organizativas que garantam o bom êxito da iniciativa; aliás, para ser sincero, acho mesmo que não fui particularmente determinado por preocupações organizativas e vários incidentes de percurso, infelizmente, confirmam isso. Mas também reconheço que um olhar que descubro hoje em mim como sendo tão respeitador da liberdade dos jovens e dos adultos envolvidos é fruto de um olhar que vi sobre mim, que começou naquele olhar que o meu responsável dos colegiais teve paciente e tenazmente sobre mim há dezenas de anos, até ao último testemunho de vinte dias atrás (em que se falava de uma abordagem a uma ocasião de trabalho especialmente difícil, mas que se concluía com uma pergunta mais séria sobre o valor da vida com aquela pessoa), que determinou alguns encontros com alguns clientes*

meus particularmente problemáticos. Assim percebo o que você dizia nos Exercícios da Fraternidade: “Se prevalece em nós a presença daquele olhar, se este investe a vida, é possível verificar isso na maneira como nos relacionamos com tudo”.

Carrón: Isso é um exemplo do que dissemos: muda a relação com tudo. Senão, o que prevalece? O lamento, como me escreveu outra pessoa, chamando a atenção para o episódio de Marta e Maria: “Ao reler a Primeira palestra de sábado de manhã, encontrei uma correspondência no que você dizia, isso é, que o primeiro instante não pode ser controlado pelo homem, é tão imprevisto que nos surpreende sem defesas, pelo menos por um instante. De fato, para mim isso é inegável, a ponto de me comover, mas também foi assim para Marta, que estava tão comovida quanto eu. Ainda assim, pode-se estar tristes ou transfigurados pelo acontecimento de Cristo. Na verdade, eu já não sou como antes, mas Marta se fechou, sem olhar realmente para aquele instante, porque se uma pessoa não tem uma necessidade, não tem uma ferida, fecha-se a quaisquer possibilidades, e procura manter tudo sob controle. Mas para mim foi determinante ter uma companhia que me ajudasse a julgar o que tinha me acontecido”. O que é esta companhia que me ajuda a julgar? O que permite julgar a posição de Marta e a nossa posição? O coração: se na nossa experiência prevalece a tristeza, o passado, o futuro ou se prevalece a transfiguração, isto é, se prevalece uma Presença que determina a vida. E cada um de nós percebe isso, como dizia o nosso amigo da prisão, percebe isso! Senão, o ceder às queixas é o primeiro sinal, como disse o Papa há dois dias: “Cristãos tristes, ansiosos, esses cristãos sobre os quais a gente fica pensando se eles creem em Cristo ou na ‘deusa lamentação’: nunca se sabe! Todos os dias reclamam, ficam lamentando; vejam como está o mundo, vejam que calamidade, vejam os desastres” (Discurso aos participantes no Congresso celestial da Diocese de Roma, 17 de junho 2013). É nesta questão que devemos nos ajudar cada vez mais no trabalho dos Exercícios: não se trata de repetir frases, nem de fazer lições, mas sim de surpreender na experiência o que significa que o cristianismo está acontecendo em mim como acontecimento, o que significa que prevalece outra coisa. Podemos verificar estas coisas só no presente, no presente cheio de uma Presença.

Colocação: *Queria contar um episódio para testemunhar exatamente o contrário daquilo que estava dizendo agora, quando reli esta parte dos Exercícios – em que você dizia de um modo claríssimo, como acabou de fazer, que Cristo é um acontecimento agora – me dei conta de uma posição minha da qual não tenho muitas vezes consciência. Trabalho com uma colega com quem nasceu um relacionamento verdadeiro. Alguns meses atrás a convidei para ir comigo às férias do Movimento; ela percebeu que eu desejava sinceramente que ela fosse, lhe disse tudo o que se diz quando se quer convidar alguém para as férias. Respondeu-me: ‘Está bem, vou pensar’. Duas semanas depois disse: “Decidi não ir”. Quando me disse aquilo fiquei muito mal e pensei que era sempre assim, que os meus colegas nunca aderem. E, este fato, me feriu verdadeiramente. No entanto, o ponto que quero sublinhar é o que aconteceu nos dias seguintes: reparei que estando com a minha colega que, repito, é uma verdadeira amiga naquele local de trabalho, me percebi absolutamente distante e indiferente. E descobri assim uma posição muito frequente em mim no embate com a realidade (nas pequenas e grandes coisas), que é me mover entre dois polos opostos: ou a posse ou a indiferença. Ou desejando dominar uma coisa para eu decidir como deve ser ou, em alternativa, como na realidade, graças a Deus, nem tudo acontece como eu penso, fechar-me na indiferença, ou por outras palavras na não afetividade. E quando li esta parte dos Exercícios, disse para mim mesma: mas ao nível existencial, o fato de Cristo ser um acontecimento o que significa? Porque eu me percebi nos dias seguintes exatamente como descrevi, isso é, com uma distância e uma indiferença que é o primeiro modo para afastar de mim a realidade... O fato que a nível existencial Cristo seja um acontecimento: zero! É como se eu tivesse tido a preocupação de recuperar com ela até um interesse que, naqueles dias, evidentemente tinha perdido, mas sem um verdadeiro recurso à disposição.*

Carrón: Tentemos entender bem a relação que existe entre a indiferença da qual você falava revela o Acontecimento e o modo como estamos vivendo a fé.

Colocação: *No trabalho estão acontecendo muitas coisas, muitas ideias interessantes. No entanto há muitas interrogações que todos os dias me preocupam e por isso gostaria que, ao contrário do que acontece, muitas coisas fossem mais claras e definidas. Nos últimos tempos isso estava sendo um peso, um grande peso para mim e as consequências conhecemo-las bem todos: não conseguimos fazer nada e, das duas uma, ou procuramos algo que elimine o cansaço que sentimos ou aumentamos o ritmo. Mas aconteceu, uma pessoa com quem trabalho, falar da mesma coisa, ou seja, da incerteza e da indeterminação de algumas coisas que vivemos, de um modo completamente diferente de como eu estava vivendo isso, isso é, não definida por isso e de um modo não superficial, tendo bem presente todos os elementos que a tornam particular tendo, no entanto, uma certeza. Então, quando a ouvi falar me lembrei de repente de muitas coisas que vivi que têm esta ênfase, uma ênfase inconfundível: a presença de alguém que ao mesmo tempo é consciente dos fatores, mas não é superficial porque não depende dos fatores (que não são exatamente como desejaríamos). Isso fez cair por terra a minha posição, sentia-me verdadeiramente atraído e pensei: cada vez que aconteceu, isso tinha a ver com Cristo. Depois disso, consegue-se recomeçar no dia seguinte, não por terem mudado os fatores, pois o receio sobre algumas coisas continua, mas o ponto interessante é que, depois daquele fato, já não estava determinado pela ideia que tinha sobre mim (porque, uso o plural por achar que deve acontecer com todos, temos dificuldade em atravessar os muros que nós próprios criamos), mas estava determinado por outra coisa que sei que é aquilo que me cumpre. E ao enfrentar o receio de algumas coisas, me dei conta que antes eu dependia do sucesso que esperava conseguir e que agora dependo só desta Presença que me muda a cada instante.*

Carrón: Uma pessoa dá-se conta que existe alguém que, enfrentando uma situação semelhante à dele, a vive de um modo diferente, não determinado pelas circunstâncias, com uma ênfase totalmente nova, inconfundível.

Colocação: *Você começou a primeira lição de sábado de manhã dizendo que o cristianismo se revela na sua natureza como resposta a uma necessidade presente. E eu sempre interpretei esta necessidade como algo a atingir (por exemplo no trabalho: resultados a alcançar), como uma performance. Há duas semanas aconteceu o maior sucesso dos últimos anos na minha empresa, completamente imprevisível. Uma semana depois fizemos a nossa assembleia; em vez de cinquenta pessoas, apareceram mil: apoteose! O objetivo pelo qual trabalhei, que pensava ser a resposta à minha necessidade, não só foi atingido como ultrapassou em muito as expectativas. Mas naquele momento descobri que isso me deixava ainda com sede e não respondia completamente à minha necessidade. Que necessidade? Ao fim do dia disse ao meu filho: “Repara, o olhar que experimentei no dia em que fomos a Roma ao encontro com o Papa é muito diferente, é incomparavelmente maior e responde muito mais do que este sucesso que tive no trabalho”.*

Carrón: Obrigado.

Colocação: *No sábado fizemos um churrasco com o grupo de Fraternidade. Preparamos tudo muito bem: carne de primeira qualidade, legumes e tudo mais, cozinhamos a tarde toda, pelo que estavam reunidos, para que a noite fosse bela. E depois acabou em um instante mas sem que eu estivesse presente. No carro, a caminho de casa, estava triste. Estava triste porque era evidente o exemplo que você deu na lição de sábado de manhã, aquele em que Giussani tinha ouvido um cântico na casa do Grupo Adulto, no qual podem estar presentes todos os elementos, mas se damos Ele por óbvio, nada responde à espera, nada satisfaz o desejo do coração. O que me impressionou é que para mim não é normal sair assim de um jantar, porque, pela minha sociabilidade com uma cerveja e barriga cheia tenho a metade da noite assegurada.*

Carrón: Está tudo certo!

Colocação: *Está tudo certo! E então se tornou evidente que o reconhecimento de que esta nostalgia nasce do fato que, pelo contrário, o caminho deste ano foi marcado por momentos de pessoas e de lugares nos quais experimentei esta plenitude. E este caminho esta mudando a minha vida, e por isso não posso mais prescindir dele; posso, mas imediatamente sinto a sua falta.*

Carrón: Por que voltar para casa triste é indicativo do caminho que você fez? Qual é a diferença entre ao antes e o depois?

Colocação: *É que naquele momento O acontecimento estava presente. Naquele instante, como você dizia há pouco, existia aquela presença, que estava ali comigo e que assinalava aquela minha tristeza, é como um relacionamento afetivo que você reconhece e que se dá conta que num momento anterior não existia. É também interessante o fato que escrevi de imediato uma mensagem a dois ou três amigos e a resposta que recebi de todos eles foi o sinal de que estamos percorrendo este caminho; há alguns anos atrás nenhum de nós teria tido esta reação.*

Carrón: Estes são exemplos que servem para nos ajudar a entender o que é o cristianismo como acontecimento. A nossa amiga, cuja colega se recusou a participar nas férias dizia que quando o acontecimento não está presente, ou prevalece a indiferença ou prevalece a posse. Quando está presente, o fato de voltar a casa triste – quando normalmente se contenta – quer dizer que começou a experimentar outra vida, pelo qual encher a barriga não lhe basta mais! Está acontecendo alguma coisa no momento presente. É isso que devemos procurar entender. Não aquilo que acontece depois, ou as reflexões que fazemos depois, ou o remorso que sentimos depois, não! O que está acontecendo agora, que documenta ou não se o cristianismo está acontecendo em nós? Não se prendam com o problema da coerência, porque jamais seremos coerentes se antes não acontece algo que nos interessa mais do que qualquer outra coisa. Alguém me disse que a sua incoerência o escandaliza, mas eu insisto: insistir na coerência é uma perda de tempo. A questão fundamental é entender o que pode preencher a vida no presente!

Colocação: *Esta noite percebi melhor que o que conta não é se quer o sucesso missionário, o sucesso do que fazemos, mas é o instante em que vivo. E a coisa que me impressiona é a consequência desastrosa que se manifesta quando isso não acontece: você diz, na página 26 / 27, que há um vazio enorme, porque nós fomos feitos para a plenitude; e se não existe esta satisfação no instante presente, cria-se, dentro de nós, um terremoto e você fala de lucro, sucesso e poder. Então, como eu gosto de ler livros de história, fiquei pasmo que tenham passado tantos séculos nos quais tantos cristãos viveram de lucro, sucesso e poder. Podiam até fazer guerras religiosas para defender a fé, dar a vida, mas isso não tinha nada que ver com a experiência. Podia haver ganhos eclesiais, e toda a estrutura servia para uma defesa teórica do dogma. Porque digo isso? Porque aquilo que dizemos uns aos outros por vezes é tratado como assunto de discussão: pode-se estar mais ou menos de acordo. Pelo contrário é decisivo porque muda a história, a história pode se tornar uma questão de poder “em nome” da fé. E por isso é impressionante que possa existir um momento da história do nosso Movimento no qual somos reconduzidos continuamente ao cristianismo como acontecimento. Porque não é óbvio, pode existir história cristã que segue por outro caminho. E isso é impressionante.*

Carrón: E quais são os dois sintomas de que o cristianismo não está acontecendo agora? Teoriza-se um acontecimento passado, como dizia o presidiário... Não é que o presidiário seja perito em teologia, mas sabe muito bem do que fala e sabe que novidade vive no presente, e faz a comparação entre aquela novidade que vive no presente e aquilo que vê ao redor, passado ou futuro porque o acontecimento tem a capacidade de colher o eu no presente, o torna presente ao presente. De outra forma teoriza-se o Acontecimento, falamos de Acontecimento como uma coisa passada, mas que já não determina o presente, como diziam há pouco. O outro sinal é que, como somos todos feitos para a plenitude e não para o vazio, procuramos apoios substitutivos, como dizíamos no segundo ponto da primeira lição, como o lucro, sucesso e o poder. Estejam atentos porque se não fazemos outra experiência de vida, estaremos no mundo como todos. Ouçam o que disse o Papa: “O batismo, este passar do viver ‘sob a Lei’ para o viver ‘sob a graça’, é uma revolução. Há tantos revolucionários na história, mesmo muitos. Mas nenhum teve tanta força como esta revolução que Jesus nos trouxe: uma revolução para transformar a história, [porque é] uma revolução que muda em profundidade o coração do homem” (17 de Junho de 2013). Nós pensamos que podemos mudar a história sem mudar o nosso coração, sem nos convertermos, ou seja, sem fazer uma experiência de conversão a Cristo que torne possível uma experiência de vida pela qual possamos estar no mundo livres de tudo

o resto. Porque é isso que surpreende o presidiário: poder viver mais a fé do que nós e estar mais livre na prisão do que fora dela, e testemunhar Cristo ali; não tem nenhum lugar de poder, mas na prisão – analogamente ao verdureiro do livro de Havel – pode acender uma luz. O que estamos fazendo no mundo? Se não testemunharmos isso – diz o Papa Francisco –, não podemos oferecer a esperança no que a vida pode se tornar. Por isso, aquilo de que falamos nos Exercícios da Fraternidade não é o aspecto espiritual da vida. Não! A verdade é que não podemos testemunhar nada desta novidade, desta revolução que Cristo introduziu na vida, se não passar pela forma como vivemos as circunstâncias no presente, livres de qualquer resultado.

AVISOS:

“**Como é que se faz para viver?**” As férias que teremos [*nos meses de julho e agosto ocorrem as férias do verão europeu*] são uma ocasião preciosa para responder a esta pergunta. Escolhemos este tema para que ninguém possa confundir a experiência com as próprias imagens, com os próprios sonhos, com os próprios comentários ou com as próprias lamentações. Diante de uma pergunta como esta ninguém pode trapacear. Para responder a esta pergunta cada um de nós é obrigado a contar fatos. Esta pergunta nos ajuda a entender o que estamos fazendo no mundo, para que serve a fé.

E isso não o escolhemos para que cada um seja capaz de fazer um teste à sua *performance*, não nos interessa, já sabemos que não estamos à altura, já fomos todos reprovados! Ou passamos, como quiserem porque é a mesma coisa. Porque, como diz o Papa Francisco, é Deus que transforma o coração, Ele “muda-te o coração”. Se nós acolhemos a sua graça, ele muda o nosso coração. “Para sermos basta uma coisa: acolher a graça que o Pai nos dá em Jesus Cristo. Esta graça muda o nosso coração” (17 de junho de 2013). Por isso, não é um problema de *performance*, é um problema da nossa disponibilidade, conscientes da nossa necessidade, a acolher esta graça que está acontecendo agora.

No que diz respeito às **férias comunitárias**, não as demos por óbvio como se fosse um rito que se repete todos os anos. Perguntemo-nos: por que vamos às férias? O que queremos comunicar? O que queremos viver juntos? Para fazer o que nos agrada não precisamos das férias do Movimento! A questão é se aproveitamos este momento para comunicar a beleza que vivemos. O que gostaríamos de mostrar a um amigo novo que vem conosco? O que desejamos? Que pudesse fazer uma experiência. Então, os passeios, os momentos de testemunho, a apresentação de um livro, um diálogo sobre um tema interessante, a Missa, as Laudes, o Ângelus, tornam-se uma ocasião para ver o que são umas férias como paradigma da vida, como modelo do que um dia vivido em Cristo pode incluir, do que é vida para um homem que encontrou Cristo (se nas férias não vemos qual é a beleza de uma vida segundo a fé no momento presente, então a fé se reduzirá a uma coisa do passado, sem interesse). Por isso todos os gestos que fizermos devem incluir esta promessa: a possibilidade de verificar a fé na experiência. Uma degustação, um passeio especialmente exigente... esperamos disso a resposta à pergunta “como se pode viver?” ou uma modalidade de viver a comunidade cristã? Se não, acabamos fazendo umas férias com os mesmos critérios que todos: esperando a resposta do yoga, da descida do rio numa canoa, do SPA ou do *hobby* que temos na cabeça, mas não de Cristo (com Cristo, se depois se come bem, melhor!). Assim poderemos voltar das férias com uma resposta adequada à pergunta “como se faz para viver?”, não com uma teoria, mas com uma experiência vivida.

Durante as férias de verão convido-lhes a trabalhar, com esta consciência, sobre a primeira e a segunda lição dos Exercícios da Fraternidade.

Os livros indicados para este verão são os seguintes:

Um evento Real na vida do homem (1990-1991), que é o último livro das *Equipes* de Dom Giussani. É impressionante ver a companhia que Dom Giussani continua nos fazendo através destes textos.

Relê-los agora (até para os que participaram nestas *Equipes*) e deixar que aquilo que na altura emergiu, julgue as circunstâncias de hoje, pode nos surpreender pela pertinência e atualidade de juízo que Dom Giussani nos testemunha, e como continua nos acompanhando hoje.

O poder dos sem poder, de Vaclav Havel. Este texto, que propusemos como livro do mês, aconselhamos também para o verão para que tenhamos tempo de lê-lo e não percamos a oportunidade. Se o tirarmos por um segundo do contexto histórico do comunismo, vemos como também é útil agora para entender qual é o poder da ideologia ou, para usar outro termo, da mentalidade dominante. Como podemos ser livres hoje? É uma ajuda para entender o que significa amar a verdade mais do que qualquer outra coisa.

Papa Francisco. O novo Papa fala de si. Quisemos propor este livro de diálogos do Papa Francisco (quando ainda era cardeal) com dois jornalistas (Sérgio Rubin e Francesca Ambrogetti), porque nos ajuda a entender melhor a personalidade e a dimensão deste Papa.

A minha juventude. Poesias, de Ada Negri. Sugiro que leiam este texto a partir do comentário que Dom Giussani lhe fez, no livro *As minhas leituras*, é uma ajuda para entender como aconteceu em Ada Negri a surpresa da conversão.

O título do **Meeting** deste ano, **Emergência: o homem**, recorda-nos as diversas vezes em que o Papa Francisco nos disse que a crise que vivemos não é antes de tudo econômica, mas “é uma crise do homem: é o homem que esta em crise! É o homem que pode ser destruído! Mas o homem é imagem de Deus! Por isso é uma crise profunda! Neste momento de crise não podemos nos preocupar somente com nós mesmos, nos fecharmos na solidão, no desencorajamento, no sentido de impotência diante dos problemas. Não se fechem, por favor!” (Vigília de Pentecostes com os Movimentos e novas comunidades, 18 de maio de 2013). O Meeting, com as suas propostas de exposições e de encontros, pretende ser uma ajuda a compreender a preocupação do Papa, que não é nada óbvia.

A Jornada de Início de Ano será no sábado **28 de setembro de 2013**.

Veni Sancte Spiritus.

Bom verão para todos!